

FH critica o pessimismo

■ Presidente diz que a recuperação do país surpreende no exterior

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse, durante encontro com senadores do PSDB na noite de terça-feira, que hoje existe maior confiança na recuperação da economia brasileira no exterior do que no Brasil. Esta visão pessimista, retratada nas recentes pesquisas de opinião, segundo o presidente, é decorrência dos problemas políticos existentes entre os partidos que apoiam seu governo e que acabam por impor uma agenda negativa para o país. “O presidente nos relatou que está fazendo um trabalho de rearticulação de sua base parlamentar para evitar que problemas políticos sejam um empecilho à retomada do crescimento”, disse o senador Paulo Hartung (PSDB-ES).

Na conversa, que durou cerca de duas horas, Fernando Henrique fez um relato dos encontros que manteve com os chefes de governo de Portugal, Alemanha e Inglaterra. “Estão todos im-

pressionados com a recuperação da economia do Brasil”, disse Fernando Henrique, segundo um dos presentes. O presidente relatou sua conversa com o primeiro ministro da Inglaterra, Tony Blair, quando afirmou que “O Brasil está mais para a Inglaterra de 1993 do que para a Rússia”. Ocorre que a exemplo do que ocorreu em janeiro deste ano, quando o Brasil liberou o câmbio, a Inglaterra também enfrentou turbulências em 1993 diante da desvalorização da libra diante do dólar, mas se recuperou rapidamente, diferentemente do que está acontecendo na Rússia desde o ano passado.

Palanque – Fernando Henrique, sem se referir diretamente à CPI dos Bancos, fez um alerta aos tucanos sobre a tentativa que está sendo feita para atingir o comando da economia com insinuações levianas no momento em que estas autoridades precisam estar concentradas na retomada do crescimento. “Estão querendo transformar a CPI num palanque, sem nenhuma razão concreta alguns acusam o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, de ter cometido falso testemunho, e querem convocar o ministro da Fazenda, Pedro Malan, para depor”, re-

sumiu o senador Romero Jucá (PSDB-RR). Fernando Henrique reafirmou que todas as previsões negativas sobre o Brasil, depois da desvalorização do Real, não se confirmaram: a inflação não voltou, os juros não explodiram e a recessão não se aprofundou.

“O presidente deixou claro que seu governo não tem nada a esconder e que quem errou será punido, mas não se pode, em decorrência de eventuais erros, paralisar o país e a discussão das reformas”, disse o líder do PSDB, senador Sérgio Machado (CE). Fernando Henrique também disse aos tucanos que as relações entre os partidos que apoiam seu governo deverão se tornar tensas nos próximos meses e pediu maturidade diante destes fatos para evitar uma dispersão ainda maior da base de apoio ao governo. Esta tensão, segundo o presidente, é decorrência da proximidade das eleições municipais do ano que vem, que posicionará todos os partidos para as eleições presidenciais de 2002 quando a aliança entre PSDB, PFL e PMDB pode não se manter.

Líder – Os senadores do PSDB não chegaram a reivindicar na conversa com o presidente, como querem al-

guns tucanos, a liderança do governo no Senado, mas depois do encontro eles saíram convencidos de que o cargo será oferecido a um senador do PMDB. Os nomes citados ontem para a função eram os senadores Gerson Camata (PMDB-ES) e José Fogaça (PMDB-RS). O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-ES), considera que o líder deve ser escolhido entre os senadores do PMDB, não só porque o partido tem a maior bancada no Senado, mas principalmente porque sem esta responsabilidade o partido poderia se desgarrar com facilidade.

Durante o encontro com o presidente, os senadores do PSDB se queixaram de que o partido dá apoio irrestrito ao governo, mas que não recebe sequer informações para defender o governo. A cobrança deu resultado e ontem mesmo, na casa do senador Sérgio Machado, senadores do PSDB e do PFL, que participam da CPI dos Bancos, se reuniram com a chefe do Departamento de Fiscalização do Banco Central, Teresa Grossi Togni, para receber informações consideradas necessárias para contestar o depoimento do deputado Aloizio Mercadante (PT-SP).